

ID: 120173265

18-11-2025



Francisco Simões
Investigador Auxiliar do Cis-ISCTE

A morte fica-lhes tão bem

A sabedoria popular propõe que apenas os impostos e a morte são fenómenos certos. Não discordando totalmente, contraponho, ainda assim, que cabe à burocracia esse direito de ser equiparado à morte. Mãe dos impostos, a burocracia é mais insidiosa, sobretudo em Portugal. Não se contenta ela com remexer-nos na carteira. Antes, persegue-nos com uma regularidade de morrer a rir ou de morrer de tédio. E assim ficamos, mortinhos de uma ou de outra maneira e, pelo meio, com os deveres fiscais cumpridos.

Impondo-se a morte, urge uma reação dos que por cá ficam. Entre a paralisia da morte inesperada e a conformação à morte esperada, a paleta de respostas é variada e compreensível. O arco das possibilidades também se estende da decência à imbecilidade. E mais se manifestam as infinitas possibilidades, ao longo desse contínuo, quando desaparecem figuras de vulto que moldaram os consensos que vamos conhecendo, pelo

menos os poucos que nos restam.

Uma forma habitual de lidar com a morte, para além do lamento, é o obituário. Como formato literário é bastante desconsiderado. Admito que para um jornalista ou um cronista, não será, decerto, a peça mais desejada. Por um lado, há que lidar com o destino das coisas certas, o que logo inibe o rasgo criativo. O texto não surpreenderá, portanto, conhecido que é o epílogo, mesmo quando escrito antecipadamente, como sucede nas publicações de referência. Contudo, tendo vindo a aperceber-me de que redigir um obituário é, na realidade, uma arte. Na sua extensão e intentos, o obituário de uma determinada figura pública tem de assinalar os feitos de quem parte, reconhecer o respetivo impacto na sociedade, refletir sobre as múltiplas facetas da sua vivência e personalidade, incluindo uma ou outra mais desconhecida, e assumir a justeza de sublinhar as contradições do falecido. Sem essas componentes essenciais, um obituário fracassa, torna-se caricatura, porque não

reconhece justamente aquilo que faz de nós humanos: a imperfeição. Todo esse exercício carece de um certo distanciamento que a evocação dificultada, reprime, distorce.

Sobejaram, contudo, as reações disfarçadas de obituário, sem outro desígnio senão a auto-glorificação.

É precisamente o distanciamento, tão inerente à morte, e não apenas no sentido físico, de que estamos carentes. No seu lugar, instalou-se mesmo a imbecilidade, como foi possível observar, nas últimas semanas, marcadas pelos desaparecimentos de Francisco Balsemão e de Laborinho Lúcio. Figuras maiores, em muitos sentidos, geraram reações em cadeia, de conhecidos e desconhecidos, entre aqueles que lhes são próximos ou nem tanto. E nessa catadupa de colunas de opinião, publicações nas redes sociais,

comentários em podcasts e debates televisivos, é inevitável que se repitam banalidades. Sobejaram, contudo, as reações disfarçadas de obituário, sem outro desígnio senão a auto-glorificação, num triunfo em toda a linha da cultura de performance contemporânea. Sim, começa o texto por lamentar a morte agora mesmo confirmada, para logo discorrer sobre todos os episódios que essa figura pública connosco partilhou, por muito vagos, limitados ou irrelevantes que sejam. Conclui-se, explícita ou implicitamente, com maior ou menor sofreguidão que, na verdade, o morto não interessa assim tanto, perante a suprema capacidade intelectual ou moral que ele ou ela nos terá reconhecido. Isso sim, merece ser sublinhado e repetido, e sê-lo-á mal outra morte o permita! Sendo a burocracia assim tão certa, não há quem ponha mão nisto, obrigando cada falso obituário a pagar imposto proporcional ao atrevimento? Da minha parte, já vi e paguei impostos mais ridículos! ■